

SPPA

Jornal da

ANO 11 • AGOSTO 2012 • Nº 21

PORTO ALEGRE • RS • BRASIL

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association



Entrevista

PÁGINA CENTRAL

Jacques André
é o convidado da SPPA

Sexualidade Infantil Hoje

Artigo

PÁGINA 9

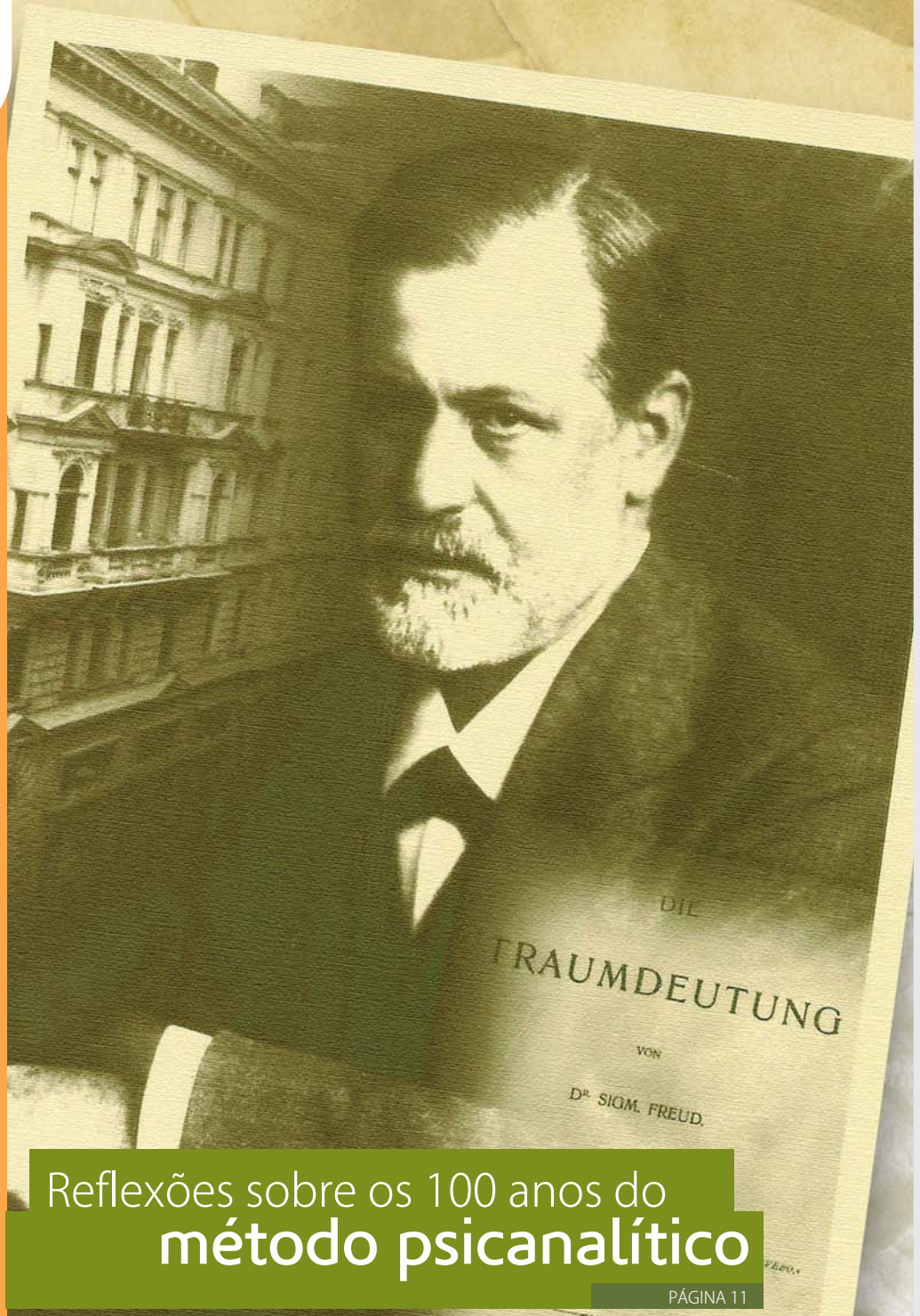


Cultura

PÁGINA 10

Uma análise do filme

“Preciosa”



Reflexões sobre os 100 anos do método psicanalítico

PÁGINA 11

USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

- | | | |
|--|---|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> MUDOU-SE | <input type="checkbox"/> INSUFICIENTE | Reintegrado ao Serviço Postal em |
| <input type="checkbox"/> RECUSADO | <input type="checkbox"/> CEP | _____ / _____ / _____ |
| <input type="checkbox"/> DESCONHECIDO | <input type="checkbox"/> NÃO EXISTE O NÚMERO | |
| <input type="checkbox"/> FALECIDO | <input type="checkbox"/> INDICADO | |
| <input type="checkbox"/> AUSENTE | <input type="checkbox"/> INF PORTEIRO/SÍNDICO | Visto-responsável |
| <input type="checkbox"/> NÃO PROCURADO | | |

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)
Rua Gen. Andrade Neves, 14/802
Porto Alegre - RS - 90010-210
(51) 3224-3340
www.sppa.org.br
comunicacao@sppa.org.br

Presidente

Viviane Sprinz Mondrzak

Diretora Administrativa

Eleonora Abbud Spinelli

Diretor Científico

José Carlos Calich

Diretora Financeira

Luiza Olga Luderitz Hoefel

Diretora do Instituto

Ingeborg Bornholdt

Diretor de Publicações

Zelig Libermann

Diretor de Divulgação

Jair Knijnik

Diretora do NIA

Maria Elisabeth Ciment

Comissão Editorial

Katia Wagner Radke (Coordenadora)

Carlos Augusto Ferrari Filho

Elizabeth Meyer Wolf

Maria da Graça Motta

Sandra Wolffenbuttel

Suzana Golbert

Jornal da SPPA

Tiragem: 3.000 exemplares

Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

Edição e Redação

Ana Klein (DRT/RS 8741)

Vera Nunes (DRT/RS 6198)

Projeto gráfico e editoração

Clemente Design

Palavra da Presidente



Viviane Sprinz Mondrzak*

Jornal da SPPA: Mudando para aperfeiçoar

Em tempos de acesso fácil a informações de toda natureza, com o risco permanente de ficarmos mais intoxicados e perdidos ao invés de informados, o questionamento sobre o que se quer comunicar e como fazê-lo, é essencial. Sem esta reflexão, podemos apenas criar mais um acúmulo de dados que apenas sobrecarregam nossas mentes já expostas a estímulos nem sempre fáceis de serem processados. Foi a partir destas reflexões que se construiu um novo formato para o jornal, que se inicia com esta edição e que tem como ponto de partida, a escolha de eixos temáticos. O objetivo é fazer um trabalho de síntese sobre temas importantes da psicanálise, que permitam ao leitor conhecer melhor aspectos do pensamento e do trabalho psicanalítico, num formato de fácil leitura. Para esta edição, o tema escolhido foi "Cem anos do método e vincularidade". Neste ano, completam-se 100 anos dos trabalhos que Freud escreveu especificamente sobre técnica e esta data oferece a oportunidade para que se reflita sobre o método psicanalítico, a psicanálise enquanto uma prática com um sistema coerente de instrumentos e objetivos. Vários mitos cercam ainda o trabalho psicanalítico e encontramos este registro nas várias formas como a psicanálise é retratada no cinema, na televisão, na literatura, configurando uma imagem muitas vezes ainda dos tempos dos primórdios dela, como se nada tivesse sido modificado e incorporado ao longo destes anos. A noção de uma disciplina viva, em constante desenvolvimento, nem sempre é percebida, e os psicanalistas são também responsáveis por manterem estes mitos, ao não encontrarem formas de transmitir esta vitalidade. Ao mesmo tempo, é importante que se tenha presente o que são as características estruturantes do método, aquilo do qual não se pode abrir mão. O tema da vincularidade, também escolhido para esta edição, vem sendo intensamente debatido sob vários ângulos, desde a importância do outro na constituição do psiquismo, até o estudo de vínculos específicos e sua abordagem psicanalítica. Abrem-se campos de estudo com vários vértices a serem explorados. E, certamente, é um tema diretamente ligado ao método psicanalítico, todo ele baseado neste vínculo único que se estabelece entre paciente e analista.

Mas, além disso, o Jornal continua com seu objetivo de abrir e mostrar a SPPA em toda sua efervescência científica, uma sociedade viva, buscando sempre formas de promover debates, intercâmbio de ideias e formas de estabelecer interfaces com o meio científico, social e cultural no qual está inserida. Afinal, nos constituímos influenciados por este contexto e trazemos especificidades pelo fato de termos nascido e nos criado no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, na história da nossa cultura. Este número do Jornal é o primeiro da gestão 2012/2013 da SPPA, marcando um processo que se espera seja de continuidade e de transformação, um paradoxo necessário para que haja desenvolvimento.

Uma boa leitura a todos e um agradecimento especial à equipe do Jornal, pela dedicação e por continuarem inquietos, buscando novas formas de comunicação.

* Presidente da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre



Quem somos?

Porto Alegre conheceu a psicanálise nos anos de 1920, através de uma série de conferências proferidas na Faculdade de Medicina da UFRGS. As perspectivas da psicanálise estimularam profissionais a partirem para a Argentina, em busca de capacitação para trabalhar como psicanalistas. Eles fundaram um grupo de estudos psicanalíticos, que deu origem à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, a primeira instituição psicanalítica fundada no RGS.

A SPPA é formada por profissionais da saúde mental: médicos e psicólogos, e está filiada à Sociedade Psicanalítica Internacional (IPA) desde 1963. A IPA, entidade psicanalítica maior, foi fundada por Freud e colaboradores no intuito de congregarem os profissionais em torno do estudo teórico e em prol da prática clínica adequada. Ao preparar promotores de saúde mental, a Sociedade Psicanalítica preocupa-se com a qualificação de seus membros, que implica uma formação constituída através de seminários

teóricos, prática clínica supervisionada e análise pessoal do profissional.

A psicanálise é um método de tratamento – e de investigação – das afecções mentais e parte do princípio de que o estado emocional dos indivíduos e seu comportamento derivam de forças mentais inconscientes. Angústias ou outras formas de sofrimento psíquico podem ocasionar importantes prejuízos pessoais, interpessoais e profissionais, para os quais o tratamento psicanalítico tem sua eficácia comprovada. A abordagem psicanalítica também possibilita uma ampliação da capacidade mental e emocional do indivíduo, assim como uma modificação de padrões de comportamento repetitivos que levam a um prejuízo de sua qualidade de vida. Os profissionais da SPPA atendem a adultos, adolescentes e crianças.

Conheça mais sobre a SPPA, os seus membros e a psicanálise visitando a homepage: www.sppa.org.br.

Revista de Psicanálise da SPPA: fonte científica

A Revista de Psicanálise da SPPA completará 20 anos em 2013 com uma crescente preocupação de que possa, de fato, representar o pensamento psicanalítico que circula na instituição, mas também acompanhar a evolução do pensamento psicanalítico no Brasil e em nível internacional.

Conforme a psicanalista Tula Brum, editora da Revista desde 2011, a instituição do **Prêmio Zaira de Bittencourt Martins**, no ano passado, para o melhor tema livre apresentado no simpósio do NIA, cuja premiação é a publicação do artigo na Revista, foi um grande avanço. "Essa foi a fonte que inspirou os fundadores da Revista no ano de 1993: abrir um espaço para circular o pensamento psicanalítico em evolução na SPPA e entrar em contato com ideias desenvolvidas por profissionais de fora", resume.

A política editorial da Revista é fazer dois números temáticos e um terceiro aberto para artigos variados. "Quando pensamos nos números temáticos, tentamos identificar assuntos que despertam mais interesse e debates nos congressos sobre psicanálise, assim como temas que tentam dar conta dos conflitos vividos na atualidade", explica Tula.

Neste ano o tema *Transferência* vai homenagear os cem anos dos artigos de técnica escritos por Freud em 1912 e despertará o interesse dos leitores. O título deste número será **De 1912 a 2012: a dinâmica da transferência** e nele haverá uma seção especial

intitulada **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise**, cem anos depois, retomando as ideias do criador da psicanálise sobre a sua prática.

O segundo número temático de 2012 abordará o **Desamparo**, tema que reflete um sentimento essencial e inerente do ser humano, com o qual nos deparamos na vida e com frequência na clínica psicanalítica.

Em 2013, haverá um número temático sobre **André Green**, falecido no início deste ano, em homenagem a sua importante contribuição tanto na teoria quanto na técnica psicanalítica. Este número trará a compilação de artigos de pensadores ou psicanalistas que estudam a obra do autor. O segundo número temático de 2013 será sobre **Representação e Simbolização**, ideia que surgiu após interessante atividade científica, a Quinta Conceitual, recentemente apresentada na SPPA.

Ao celebrar a participação de todos os envolvidos ao longo de 19 anos de Revista, Tula ressalta a importância da participação de cada um dos profissionais da SPPA. "Convidamos para que cada vez mais os colegas se interessem em publicar na nossa Revista suas ideias e estudos, contribuindo para sua qualidade científica", conclui.

Quer assinar a revista?

Assinatura anual (3 números): R\$ 75,00

Números avulsos:

1994 a 2001: R\$ 20,00 por exemplar

2002 em diante: R\$ 30,00 por exemplar

Promoção para alunos dos cursos de psicoterapia de orientação psicanalítica

1994 a 2001: R\$ 10,00 por exemplar

2002 até 2009: R\$ 20,00 por exemplar

2010 em diante: R\$ 30,00 por exemplar

Consulte artigos/autores no site:

www.sppa.org.br/new/revista.php

Informe-se sobre as formas de pagamento pelo telefone: **51 3224-3340** ou pelo e-mail: secretaria@sppa.org.br

Palestra do geólogo Rualdo Menegat abre ano científico de 2012

Com o intuito de buscar uma interface com outras áreas, o geólogo Rualdo Menegat, professor do Instituto de Geociências da UFRGS, foi o palestrante convidado na abertura das atividades científicas. O título da conferência, "Explorando as Fronteiras da Epistemologia: em Busca da Inteligência Perdida dos Incas", causou de início um certo impacto e dúvidas sobre a forma como um geólogo poderia contribuir para a área da psicanálise.

As dúvidas, porém, foram se desfazendo na medida em que o professor desenvolvia suas ideias e apresentava um panorama da evolução do pensamento ocidental a partir de Descartes, chegando

nos pensadores atuais.

Estudioso dos Incas, o

professor mostrou como as primeiras civilizações se instalaram nas planícies e perto dos rios, enquanto que os Incas se instalaram nos Andes.

Provavelmente usavam conhecimento de estruturas geológicas (linhas fractais) para poder organizar sua sociedade. A ideia de entender os elementos geográficos naturais, ao invés de dominá-los, evidencia, segundo o professor, um nível de inteligência e conhecimentos muito além do imaginado.



Encontro na SPPA faz homenagem a André Green



A SPPA promoveu uma atividade científica para homenagear a pessoa e a obra de André Green, falecido em 22 de janeiro deste ano. O evento, realizado em 16 de março, foi coordenado pela presidente da SPPA, Viviane Mondrzak, com os psicanalistas Luciane Falcão, Cláudio Eizirik e Fernando Urribarri. André Green esteve na SPPA em 1994, quando proferiu palestras, debateu com colegas e fez supervisões coletivas e individuais.

Fernando Urribarri, membro da Associação Psicanalítica Argentina (APA), apresentou um filme-entrevista no qual Green responde perguntas e mostra a evolução do seu pensamento. Falou sobre sua vida, a influência de Lacan no seu pensamento, abordando temas como narcisismo, representação, a clínica psicanalítica atual, entre outros. As imagens do filme foram impactantes e carregadas de emoção, ainda mais por terem sido concluídas alguns meses antes de sua morte. Foi uma oportunidade para ver e ouvir um André Green lúcido, transmitindo seu conhecimento e entusiasmo pela psicanálise.

Cláudio Eizirik relatou sua experiência pessoal nos diferentes encontros que teve com André Green ao longo dos últimos anos e lembrou da homenagem que o mesmo recebeu da IPA durante o último Congresso Mundial, realizado em Berlim. A psicanalista Luciane Falcão, abordou a vida e obra de Green, dando um panorama geral de seu pensamento. Não faltaram momentos descontraídos, quando os participantes contaram passagens em que o bom humor de André Green ficou evidente.



Janine Puget fala sobre a teoria vincular em psicanálise

Nos dias 20 e 21 de abril de 2012, a SPPA promoveu um evento sobre teoria e clínica dos processos vinculares. A convidada, psicanalista argentina Janine Puget, membro efetivo e analista didata da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA), apresentou sua teoria vincular em seus aspectos teóricos, técnicos e clínicos.

Nascida na França, Janine Puget viveu a maior parte da vida na Argentina, onde começou a carreira analítica. Interessou-se pela diversidade do outro, como sendo distinto dos conflitos relativos às identificações. Ela é criadora da teoria (ou abordagem vincular) em psicanálise - uma teoria nova de produção e origem latino-americana, juntamente com Isidoro Berenstein.

Na atividade, aberta ao público, "Conversando com Janine Puget sobre teoria e clínica vincular", a doutora respondeu a algumas questões para ilustrar sua teoria. Os aspectos da prática clínica foram contemplados na atividade do Atelier: a prática da teoria vincular e na supervisão coletiva.

Associação dos Candidatos realiza Simpósio

A Associação de Candidatos da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (ACSPPA) tem como objetivo a integração e representação dos profissionais que estão em formação no Instituto de Psicanálise da SPPA. Para isso, em março realizou o **VI Simpósio Interno Integrado AC/IP - SPPA**, atividade anual que oportuniza a apresentação dos trabalhos de membros aspirantes em seminário, seguida de um comentário feito por um colega egresso. É também o momento de recepção, de boas vindas aos 10 novos candidatos que estão iniciando a sua formação. Entre as novidades estavam o material gráfico personalizado e a publicação antecipada dos trabalhos na área restrita do site da SPPA para que os participantes pudessem ter acesso prévio ao conteúdo.

O evento teve início com um café da manhã, seguido da mesa de abertura, onde estavam presentes a Presidente da SPPA, Viviane Sprinz Mondrzak, a Diretora do Instituto, Ingeborg Bornholdt e a Presidente da Associação de Candidatos, Nyvia Sousa. Em seguida, duas etapas de apresentação de trabalhos, com uma pausa entre elas. O encontro foi marcado pelo clima científico junto da descontração no convívio entre os colegas. O encerramento contou com a apresentação de um vídeo de Eduardo Galeano declamando um texto intitulado O Direito ao Delírio, que versava sobre a Utopia.

Em breve serão lançados os **Anais do VI Simpósio** e já se iniciará a elaboração do **VII Simpósio** com o intuito de, a cada ano, incentivar a produção dos trabalhos e a integração entre colegas, aprimorando com isto a qualidade desta já estabelecida atividade. Pois, como ensinou Galeano, citando Fernando Birri: "a utopia está lá, no horizonte, e existe para que a possamos alcançá-la, sonhá-la sem jamais deixar de caminhar."

CAP desenvolve estudos e pesquisas em psicanálise

O Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) é um departamento do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Foi fundado em setembro de 1994 com o objetivo de desenvolver estudos e pesquisas e oferecer tratamento psicanalítico, nos consultórios dos analistas desta instituição, destinado a pessoas adultas, adolescentes e crianças da comunidade que não dispõem dos recursos econômicos habituais para este tipo de atendimento.

Os interessados que apresentarem indicação para psicanálise serão atendidos por profissionais capacitados. O tratamento é realizado com frequência de três a quatro sessões semanais, em honorários acessíveis, após a avaliação inicial. Durante o período de avaliação, cada sessão terá o custo de R\$ 50,00 a as demais combinadas diretamente com cada psicanalista.

Para informações e inscrições favor entrar em contato com a secretária Margareth, de segunda à sexta-feira, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, pelo telefone 3224-3340, a partir das 14h, para agendar o preenchimento do cadastro, ou pelo e-mail: instituto@sppa.org.br.

Simpósio do NIA aborda a importância das histórias construídas na psicanálise

Desde o começo da nova gestão do NIA, coordenado pela psicanalista Elisabeth Cimenti, o tema das histórias trazidas nas consultas, pelos pais, pelos pacientes e das histórias construídas na transferência, entre o analista e o paciente, constituiu-se num dispositivo que organizou grande parte do primeiro semestre de atividades.

Contar uma história implica sempre num contar-se através dessa história. Por mais precisos que sejam os detalhes, por mais objetiva que seja a descrição, o extremo cuidado com os fatos e dados, todo contar é já uma versão, um recorte que passa necessariamente pela subjetividade daquele que cria a narrativa.

Em se tratando de psicanálise de crianças e adolescentes, faz-se ainda mais urgente construir uma história possível, que faça sentido e produza significados, para que um sujeito em desenvolvimento alcance maior flexibilidade na criação de novas experiências em sua vida.

Foi com o interesse em aprofundar a potência clínica intrínseca aos temas da criação, que o Núcleo de Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, promoveu o XIV Simpósio com o tema/título "Histórias Contadas, Histórias Construídas". O evento ocorreu nos dias 10, 11 e 12 de maio, com a presença dos psicanalistas convidados Bernardo Tanis e Mariano Horenstein. O tema do evento convidou a todos para um debate criativo e possibilitou uma interessante troca de experiências. Na ocasião, foi outorgado o prêmio Zaira Bittencourt Martins ao trabalho "Contando histórias, construindo histórias: a escuta do psicanalista de crianças", de autoria da psicanalista Eneida Lankilevich.



Mariano e Bernardo foram os convidados XIV Simpósio

Concluindo a agenda do primeiro semestre de 2012, a reunião semestral do NIA, ocorrida em 27 de junho, seguiu aprofundando a temática das histórias contadas, histórias construídas, desta feita, num diálogo entre a psicanálise e a literatura. Contamos com a presença da escritora, professora e contadora de histórias, Maria Eunice Barbieri e a psicanalista Katia Radke, num diálogo criador de histórias, possibilidades de expressão e abertura a novas sensibilidades.

Nos dias 27, 28 e 29 de agosto, a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre receberá o psicanalista francês

Jacques André,

membro da Associação Psicanalítica da França. Professor de Psicopatologia da Universidade de Paris 7 - Denis Diderot e Diretor do Centre d'Etudes em Psychopathologie, ele conta um pouco sobre as motivações que o levaram à psicanálise, seu convívio com filósofos como Jean-François Lyotard e o aumento na incidência de transtornos mentais na sociedade atual.

SPPA - O senhor poderia nos falar sobre a sua trajetória como pensador da psicanálise?

Jacques André - Minha primeira formação é filosofia e a primeira pessoa que me fez entender alguma coisa de psicanálise, também era filósofo: Jean-François Lyotard. Eu tinha 20 anos, Lyotard era meu professor na universidade, ele estava redigindo o que viria a ter como título "Discours, figure", um livro que é um diálogo apaixonante com a obra de Freud.

Minha guinada em direção à psicanálise nasceu de uma insatisfação: "o homem" filosófico é um homem geral, falta-lhe a singularidade. Mesmo quando se fala sobre a loucura em filosofia, esta é uma loucura que não é encarnada. A psicanálise é a antítese disso, interessa-se pela particularidade extrema. Ocorre que não me decidi pela psicanálise, a análise se impôs na minha vida. Algo que lhe extravasa, que lhe entrava. Como qualquer paciente, procurei a análise para encontrar ou reencontrar uma parte de liberdade.

Como qualquer paciente, procurei a análise para encontrar ou reencontrar uma parte de liberdade.

Fiz esta análise com Joyce McDougall. Um dos seus méritos estava em ser uma mulher livre, livre em seu ser e no seu pensamento.

Minha escolha pela APF se deu, assim como para muitos outros, através do contato com a leitura da "Nouvelle

Revue de Psychanalyse", dirigida por J-B Pontalis. O encontro com Jean Laplanche também contou, ele foi o meu orientador da

A liberdade da psicanálise

tese na universidade. François Gantheret, Pierre Fédida também fizeram parte daqueles com quem logo estabeleci um diálogo. Assim como Múzan e André Green, cujos seminários clínicos assistia na rua Saint-Jacques.

Os desejos que nutriram a vontade de ser analista se originaram de inúmeras fontes. Uma delas desempenhou um papel privilegiado "em todos os tempos os homens têm quebrado a cabeça para decifrar o enigma da feminilidade", escreveu Freud. Sou um desses. Este interesse pelo "continente negro" está no cerne dos meus primeiros trabalhos.

SPPA - Quais os temas ou questões da Psicanálise têm lhe interessado atualmente?

Jacques André - Já faz alguns anos que eu trabalho e escrevo a partir das dificuldades da clínica analítica. Como dar conta da experiência do tratamento? Adotei uma escrita fragmentada (em três livros publicados pela Editora Gallimard: *Limprévu en séance*, *Folies minuscules et Paroles d'hommes*). Creio que a partir de uma palavra, de uma frase, de uma breve sequência, podemos nos aproximar mais da palavra da transferência do que contando uma história de caso.



O método analítico baseia-se na associação livre, mas este não é o objetivo, ela não é senão o meio de fazer com que a linguagem falhe, permitindo que o imprevisto surja.

Meu interesse pelas configurações bordelines é também guiado pelo imprevisto, mesmo que seja de outra maneira. Estes pacientes nos fazem descobrir que não há nada na vida humana que não seja resultado da psicogênese. Os gestos mais elementares: comer, respirar, caminhar, falar... são todos submetidos a uma "história", e esta pode ser caótica. Nem todo mundo sabe comer (vejam a anorética), nem todo mundo sabe beber (vejam o alcoolista), etc.

Estou particularmente interessado na inserção no tempo. É desconcertante descobrir que nem todo mundo se insere no tempo, nem todo mundo tem passado ou futuro, muitos são incapazes de contar sua história, assim como considerar o seu futuro. Nem todo mundo tem sequer o presente, ou seja, sequer está presente na sua própria vida.

É uma descoberta perturbadora dar-se conta de que a análise, graças à força da transferência, pode se tornar um espaço para inventar o tempo, para construir-se uma história quando não se tem uma. Meu livro, *Les désordres du temps* (PUF, 2010), retrata esta experiência.

Os pacientes bordelines não são pacientes para os quais a psicanálise foi criada, mas eles se apropriaram dela como uma experiência vital, com um envolvimento geralmente muito mais intenso do que aqueles para os quais a psicanálise foi inventada, os neuróticos.

Meu interesse mais recente diz respeito à palavra dos homens, após ter escrito muito sobre a feminilidade. Nunca teria ocorrido a Freud escrever um artigo intitulado "A sexualidade masculina", como se esta expressão fosse um pleonismo. Os tempos mudaram, as reviravoltas sociais, a dupla liberação da sexualidade feminina e da homossexualidade, tornaram a posição psíquica do homem menos assegurada, mais precária, mais angustiante... e mais interessante.

SPPA - Suas contribuições, enquanto pensador da Psicanálise, abordam tanto a Teoria como a Prática Clínica. Nas últimas décadas parece estar havendo uma maior incidência de transtornos mentais graves, como: transtornos psicossomáticos, alimentares e adições. O Sr. concorda? Em caso afirmativo, a quem o Sr. atribui esta maior incidência?

Jacques André - Esta questão se associa com a questão do borderline. Não possuo estatísticas do problema. De acordo com a minha experiência pessoal, os pacientes pertencem a diversas categorias. Mas certamente nos tornamos mais sensíveis, inclusive com os neuróticos "reais", aos elementos mais primitivos da personalidade. Quando Freud falou, quase no fim de sua vida, que uma psicanálise se dividia entre "uma parte da análise do eu e outra parte da análise do id", ele já se referia a esta dificuldade.

"Libertar-se" de graves transtornos, admitindo-se esta hipótese, é separável da questão sexual? A linha de demarcação entre o desejo e a proibição mudou muito ao longo do século XX e, sem dúvida, junto com isso, a delimitação dos territórios inconscientes do eu e do id. Onde está hoje o "não" essencial à organização da vida psíquica?

“ Vivemos nos tempos do “tudo é permitido, tudo é possível”, “desfrutar” se tornou o novo imperativo categórico e superegóico. ”

Vivemos nos tempos do "tudo é permitido, tudo é possível", "desfrutar" se tornou o novo imperativo categórico e superegóico. Esta questão do gozo (na verdade, do objeto incestuoso à disposição) está muito presente nas patologias graves.

No entanto, é claro que a multiplicação destas patologias graves não tem uma única resposta e um único ângulo de análise.

Um olhar especial sobre a Educação Infantil

A Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED) sensível às exigentes demandas provenientes da Educação Infantil, propôs em 2006 uma parceria de trabalho. A partir de uma intervenção psicossocial realizada entre a SPPA e SMED, os esforços foram concentrados nas creches conveniadas, instituições nascidas em comunidades carentes e cuja origem remonta às práticas informais de cuidados de bebês e crianças pequenas, filhos de pais trabalhadores.

O trabalho iniciou com 20 creches em 2007, a partir de uma atividade denominada "Quem São Nossas Crianças?" assim configurada: a partir de um estímulo teórico inicial sobre desenvolvimento emocional infantil formavam-se pequenos grupos de discussão coordenados pelos psicanalistas. Desde esta primeira experiência o objetivo era oportunizar a abertura de um espaço privilegiado no qual as educadoras pudessem expressar mais livremente suas ideias, necessidades e percepções.

A riqueza do trabalho foi revelando-se na medida em que as discussões se aprofundavam. Em muitos aspectos de sua prática profissional, as educadoras enfrentavam dificuldades impostas pela própria organização das comunidades e de suas instâncias de poder. Por sua vez, assuntos graves como a constatação de abuso sexual e moral a crianças com idade inferior a cinco anos, vinham carregados de sentimentos de medo e impotência, tanto por parte das educadoras, como das psicanalistas. Temas como tráfico de drogas, adultos abusadores, abandono e negligência eram recorrentes nos grupos. Muitas das crianças que frequentavam as creches eram filhas deste ambiente extra-escolar carregado de perigos, ameaças e todo o tipo de miséria humana.

Após um longo período de estudos e discussões, reforçou-se a ideia sobre a necessidade de estimular a abertura de espaços de reflexão oferecendo a escuta psicanalítica. "Problemas que envolvem políticas públicas e que, por consequência, extrapolam o escopo da intervenção psicanalítica, precisam ser dimensionados em sua larga abrangência", alerta a psicanalista Mery Wolff, uma das coordenadoras do trabalho. Incluir a reflexão nesta dimensão mais realística tanto pode aumentar a potência de trabalho, quanto diminuir tentativas de encontrar soluções rápidas e imaginárias que, por não se sustentarem, aumentam a descrença, gerando impotência e frustração. Ao longo dos seis anos de parceria já participaram dessas atividades 70 Escolas de Educação Infantil, envolvendo 431 educadores, responsáveis por 4630 crianças de zero a seis anos de diferentes regiões da periferia de Porto Alegre.

Nessa experiência, as creches conveniadas têm funcionado como segmentos íntegros e, por vezes, os mais íntegros de algumas comunidades. "É preciso reforçar esse segmento, injetar doses de reflexão, saúde e alegria nesses espaços, pois, ao retornarem às suas casas, muitas crianças pequenas ainda encontram um ambiente avesso à sua dignidade", recomenda a psicanalista Alice Becker Lewkowicz, que também coordena o grupo.

Trabalhando na contracorrente desses ambientes hostis, as educadoras que participam do projeto SPPA-SMED, encontram um espaço no qual o espanto da experiência pode converter-se em palavra. Nesse contexto, a tarefa psicanalítica - e política - tem sido a de inverter a lógica da desesperança e dar maior visibilidade à potência de vida que se gera no trabalho educativo das creches.

Café da psicanalítica debate grandes nomes da literatura

O Café Literário da Psicanalítica é uma atividade organizada pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) em parceria com a Livraria Saraiva do Moinhos Shopping. Todas as primeiras terças-feiras do mês, sempre com entrada franca, psicanalistas e especialistas em literatura reúnem-se para discutir e aprofundar as relações entre as duas áreas - psicanálise e literatura -, disciplinas fundamentais para o conhecimento de verdades profundas da realidade humana.

No primeiro semestre de 2012, foram realizados cinco encontros, a partir de março, quando o tema foi "Morte e Vida Severina", de João Cabral de Mello Neto, debatido pelo professor Homero José Vizeu Araújo, doutor em Letras e professor da Ufrgs e a psicanalista Marlene Araújo. Em abril, "Shakespeare: alguma reflexão sobre a maldade em Ricardo III", reuniu na discussão a psicanalista Flávia Maltz e a professora Sandra Maggio, doutora em Literatura de Língua Inglesa da Ufrgs.



O professor Homero Vizeu Araújo e a psicanalista Marlene Araújo debatem João Cabral de Mello Neto, sob a coordenação de Vera Lima (ao centro)

No mês de maio, "Millôr Definitivo" reuniu a psicanalista Nina Rosa Furtado, psiquiatra e doutora em Comunicação e Jorge Furtado, cineasta e escritor. "Felicidade clandestina", de Clarice Lispector foi o tema de junho e os convidados, a psicanalista Eliane Goldstein e Ana Maria Lisboa de Mello, doutora em Letras pela PUCRS. O primeiro semestre encerrou com a discussão em torno de "Orlando", de Virgínia Wolf, com os convidados César Brito, psicanalista e Léa Masina, doutora em Literatura Comparada e Crítica Literária.

O Café da Psicanalítica acontece sempre às 19h30min, na Livraria Saraiva do Moinhos Shopping (Rua Olavo Barreto Vianna, 36).

Sexualidade Infantil hoje

A sexualidade das crianças é um tema de difícil abordagem ainda hoje e, por isso, permanece "terreno estranho" para muitos adultos. É um assunto que, com frequência, assusta e é tratado como proibido.

Seja na família, na escola, nos meios sociais em geral é a sexualidade uma matéria que desafia e provoca polêmicas. Por que é carregado por crenças, valores e ideias que dissimulam, ocultam e até mistificam o seu significado.

A sexualidade da criança, no mundo infantil, é feita de prazeres, sensações que ficam registradas na memória, portanto, são lembradas. Essas lembranças qualificam as sensações em boas e más, em estreita relação mente-corpo.

De que sensações estamos falando? Primeiro há a mãe e o filho, é o amor recebido pelo bebê. Para Freud, no começo só há isso: um corpo vivo e ávido. É quando o bebê constata que algo o precede, o acolhe, o protege. Que o peito da mãe está presente para satisfazer o seu desejo, seu prazer. Quando observamos a mãe e seu filho, numa relação inicial de troca, percebemos o desejo do bebê pulsando e vemos a mãe numa posição tolerante e generosa com ele. O filho toma e a mãe dá!

A humanidade se inventa aí, com o amor que nos precede quase sempre e nos ensina a amar. É sob o "encanto da sensualidade" que começa a infância.

Para muitos, a infância é um período da vida de pureza, ingenuidade e felicidade ímpar, mas isso não é tudo. É um período no qual a criança experimenta também desejo, afetos e conflitos relacionados ao seu corpo e seu mundo constituído por seus pais, irmãos, escola. E o mundo da criança, assim como o mundo do adolescente e do adulto, é fortemente marcado por influências sociais, políticas e culturais da modernidade que são substituídos por outras no compasso de grandes mudanças científico - tecnológicas.

Nesse início de século, imperam valores como a eficiência, adaptação e salvação individual num verdadeiro "salve-se quem puder". Em geral, podemos dizer que há uma ordem geral: todos devem ser felizes! E ser feliz, basicamente, é consumir. Nessa linha, outro aspecto importante é o imperativo do gozo, onde quem sofre não se encaixa nos padrões de exaltação de si mesmo e do exibicionismo, sendo relegado a uma segunda classe de indivíduos.

Cria-se a ilusão de que a felicidade está à venda nas farmácias, supermercados e agências de viagens. Parece que ao "ter algo" fica a ilusão de satisfazer a demanda de felicidade. E, sob este signo de perplexidade, temos as surpreendentes mudanças que acontecem com as organizações familiares nos nossos dias. Os questionamentos dos papéis do homem e da mulher com suas relações, os movimentos

crianças e adolescentes, a desvinculação do ato sexual da função de reprodução, além dos métodos de fertilização in vitro, o prolongamento da vida humana, são algumas questões atuais.



Rui Annes*

Se a família é um modelo natural para assegurar a sobrevivência biológica da espécie e, além disso, é a matriz para o desenvolvimento psicológico e social dos seus descendentes. É sobre essa matriz que recaem as transformações e as várias tendências de comportamento das pessoas.

Isso tudo nos leva a pensar que essas mudanças na sociedade e na família interferem no desenvolvimento da infância e sua sexualidade, pois o que descrevemos acima altera o brincar da criança. E, dessa maneira, o brincar, o faz de conta e o mundo maravilhoso dos contos de fadas vão sendo substituídos pelo aqui-e-agora numa espécie de presente perpétuo onde nada é duradouro e, sim, fugaz e volátil.

É bom lembrar que nós revivenciamos, com os nossos filhos, os nossos sonhos e ideais infantis. E que nada mais somos do que o bebê que fomos um dia ou que gostaríamos de ter sido.

Com o olhar atento e afetivo dos pais, a criança vive as etapas do seu desenvolvimento dando privilégios a partes do seu corpo que deixam registros emocionais nesse percurso. O brincar é a ação infantil que dá sentido a vários momentos no desenvolvimento da psicosexualidade. Podemos exemplificar desde o uso da chupeta, os alimentos, as massas de modelar, a argila, o fogo, o esconde-esconde, os labirintos e mais a riqueza da imaginação da criança. Os jogos infantis são um tecido importante para o estabelecimento da subjetividade, da diferenciação e, portanto, das transformações evolutivas psicosexuais do bebê - criança - adolescente - adulto.

É importante pensar na sexualidade infantil sob o ponto de vista das relações, pois a criança de hoje vai constituir o adulto de amanhã. Essa evolução será acompanhada nas relações entre a criança, a família, a escola e o ambiente que a rodeia. Desse modo a sexualidade infantil confronta o adulto com sua própria infância. Então, é função dos adultos não interpretar a sexualidade infantil dando significados dos adultos, mas estar atento ao que a criança está comunicando por essa via, que pode ser simplesmente o desejo de garantir o reconhecimento e o amor do adulto.

Nessa jornada da infância até a vida adulta a criança ouve, vê, sente emocional e fisicamente tudo que faz parte do mundo ao seu redor. Adultos, não nos esqueçamos: o infantil estará no adulto amanhã!

*Psicanalista, membro associado da SPPA

É importante pensar na sexualidade infantil sob o ponto de vista das relações, pois a criança de hoje vai constituir o adulto de amanhã.



Carmem Emilia Keidann*



Preciosa, uma história de vínculos, sua ausência e restituição

O filme "Preciosa - Uma História de Esperança" baseado no livro de Sapphire, "Push", conta a história de Clarice, 16 anos, estudante, pobre, obesa, mãe de uma menina com síndrome de Down e grávida do pai pela segunda vez. A mãe a agride moral e fisicamente e é omissa às investidas do pai abusador. Clarice era triste e solitária. Entremeadas a cenas dramáticas de sua vida, surgem imagens em que ela sonha acordada com o sucesso. Seu semblante mostra um prazer que na vida real desconhece, revela um mundo interno que ainda alimenta a confiança de uma vida melhor.

Pelo problema social que a segunda gestação denuncia, evidencia-se a impossibilidade de Clarice continuar na escola e ela é encaminhada a um atendimento especializado, onde resiste a conhecer a professora. Ainda não tem condições emocionais de confiar em alguém. Mas, percebendo a receptividade da professora, aceita participar do programa. A partir da convivência com outras adolescentes - também necessitadas de apoio - cria vínculo com o grupo, através da cumplicidade estabelecida.

A avó materna de Clarice, que assume os cuidados da pequena bisneta (Down) é submissa ao poder e controle da filha. Quando a assistente social faz a visita periódica, a avó se transfere para a casa da filha, encenando uma família cuidadosa, para que a mãe de Clarice garanta o ganho da previdência para assistência à Down. A protagonista é forçada a se submeter a uma mentira, o que evidencia mais um aspecto da violência emocional. A encenação revela o alcance limitado do sistema de atendimento às minorias desamparadas.

Quando Clarice é encaminhada ao atendimento especializado, tenta ocultar seu drama, mas a profissional de saúde mental que a atende vai além das palavras da jovem e entende a real situação de abandono e abuso. Ela consegue permanecer num abrigo e se afasta de casa. No ambiente mais protegido, com o apoio e vínculo das novas amigas, segue a gestação e tem o seu segundo filho. No hospital, um auxiliar de enfermagem, exerce um papel fraterno de proteção e cuidado à Clarice (Preciosa). Isto, aliado ao vínculo com as amigas, influencia Preciosa a assumir os cuidados de seu recém-nascido. Aí, descobre que o pai está com AIDS. Surge a dúvida se ela e o filho estariam contaminados. Como lidar com mais esta carga?

O filme traz situações que, infelizmente, são o cotidiano de muitas jovens. Seria esta a história de uma adolescente, ou um quadro que exemplifica várias tristes ocorrências que avassalam tantos adolescentes, num mundo de miséria emocional? A família da protagonista, em vez de amparo, refúgio e ninho, apresenta uma continuada agressão e ataque a aspectos mais "preciosos" e vitais para um ser humano, num tipo de vínculo que acarreta uma espécie de assassinato da mente.

A escola, que poderia ser a esperança de um espaço de desenvolvimento, viu sua possibilidade de intervenção limitada,

transferindo a jovem para outra instituição. Mais uma perda para a menina, já machucada e carente. Preciosa tinha medo. À desnutrição afetiva somava-se uma alimentação orientada sadicamente pela mãe, que gerou sua obesidade, sintoma de busca de compensação. As faltas e abusos desestruturam o psiquismo em desenvolvimento e deixam marcas impossíveis de serem apagadas.

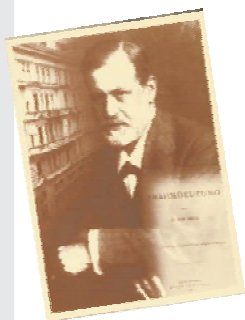
É possível a elaboração de tantos traumas? Alguém pode auxiliar um indivíduo nestas condições? O filme registra a carência, os maus tratos, o abandono e as privações. Por outro lado, sugere a presença de cuidadores, que delineia alguma relação com uma figura materna amorosa.

A presença do outro - com características amorosas -, seja um amigo, um educador, um psicanalista ou psicoterapeuta, agirá na restituição do desenvolvimento do indivíduo. Há falhas que permanecem, déficits que ficam sem solução, porém, o vínculo amoroso, a ligação de confiança com alguém vem redimensionar o universo de desesperança que antes predominava.

Na psicanálise, temos a possibilidade de escutar a história de um trauma na vida de uma pessoa, interferir e obter mudanças. O analista, que acompanha o seu paciente nas sessões, permite-lhe encontrar um novo olhar, capaz de conferir uma compreensão do passado, um significado diferente, que pode mudar a perspectiva do presente. O passado não se pode mudar, e aceitá-lo é necessário. Isto pode ser alcançado a partir de um vínculo diferenciado e de um acompanhamento. A função do analista, semelhante à de uma mãe acolhedora e amorosa, favorece a reativação do desenvolvimento e da possibilidade de transformação. Ele "dá nome" às emoções que estão surgindo na interação com seu paciente, favorecendo o surgimento de pensamentos novos, o que era impossível de ser tolerado, alcança outro destino.

Na cena final de Clarice com o bebê no colo e conduzindo a filhinha Down pela mão, percebemos que um novo caminho se constituiu e mesmo que não lhe seja perfeito e garantido, vale a pena ser vivido. A vida mental de Preciosa encontrou uma esperança.

*Psicanalista, membro associado da SPPA



Seria a psicanálise um método perigoso?

100 anos dos artigos sobre técnica psicanalítica de Sigmund Freud

Este é o título de um filme recente, o terceiro que trata das relações entre Freud, Jung e Sabina Spielrein, uma paciente de Jung. Nos primórdios da psicanálise, momento em que começou a se aplicar o método analítico havia ainda muito desconhecimento sobre os fenômenos que poderiam ocorrer entre o paciente e seu analista. Era um período de euforia com a descoberta do inconsciente e da sexualidade infantil no campo da teoria e da associação livre e da atenção fluente na área da clínica. Abria-se assim a possibilidade dos analistas entrarem em um território da mente totalmente inacessível até então. Com a descoberta da psicanálise surgia um novo e eficaz método para aliviar o sofrimento psíquico.

Durante o período entre 1910 e 1915, particularmente em 1912, Freud dedicou-se a escrever vários artigos sobre a técnica psicanalítica que estão completando 100 anos. Nestas suas considerações sobre o método da psicanálise, ele propõe questões que se mantêm até os dias de hoje.

Qual seria a preocupação de Freud nessa época? Porque ele estaria tão interessado nos procedimentos técnicos da psicanálise? Peter Gay sugere que os trabalhos sobre técnica, escritos neste período, seriam uma resposta aos abusos de uma técnica selvagem que estavam ocorrendo frequentemente, com interpretações prematuras, baseadas em diagnósticos precipitados que só aumentavam a resistência dos pacientes (Gay, 1988). A preocupação maior de Freud, neste momento, não era com o diagnóstico acurado, pois este se tornara mais fácil com o avanço da teoria psicanalítica, mas com os cada vez mais grosseiros erros técnicos. Assim, decidiu escrever uma série de artigos sobre técnica psicanalítica, baseados em princípios éticos que considerava fundamentais, visando delimitar os procedimentos técnicos que julgava mais apropriados para o seu modelo de mente e de cura da época. Ele mesmo havia passado por transformações profundas em sua maneira de trabalhar, pois passara de uma técnica mais ativa com a hipnose, a pressão na testa dos pacientes e a indução para o paciente falar a um método mais moderado, respeitando o tempo e o ritmo de cada um. Como salienta Gay (1988) Freud sugeria que antes do analista fazer um comentário analítico, seria necessário que ele conhecesse profundamente os preceitos analíticos. Especialmente, a situação da transferência que é o principal veículo propiciador da recordação, mas também a principal resistência para isto.

A trajetória de Freud revela um analista que vai ficando cada vez mais cuidadoso, com mais paciência, menos afoito em comunicar o que estava percebendo em seus analisandos, possibilitando que se possa examinar as mesmas questões sob diversos ângulos. Isso é necessário para o trabalho de elaboração que ocorre na análise, semelhante ao trabalho de luto e que necessita da passagem do tempo. Com isso foram se aprofundando os tratamentos que eram muito breves na época. É justamente este trabalho de elaboração que estabelece uma

Artigo

diferença fundamental entre o método da psicanálise e as outras psicoterapias, principalmente as que utilizam a sugestão.



Sergio Lewkowicz*

Outro fator que passou a preocupar os analistas foi a erotização do vínculo transferência/contratransferência, a relação profunda e íntima que se estabelece nos tratamentos analíticos, levando a atuações sexuais dos psicanalistas com suas pacientes, como ocorreu entre Jung e sua paciente Sabina, situação que foi bem documentada pelas correspondências entre os três e que já foi abordada em vários livros e filmes como no recente "Um método perigoso".

Esse envolvimento amoroso parece também ter contribuído para aumentar a motivação de Freud para escrever estes artigos, pois em 1910 quando conceituou a contratransferência como um obstáculo para o tratamento, alertava para os cuidados que o analista deveria ter com seus sentimentos e parece ter sido uma resposta direta à situação entre Jung e Sabina. Isso levou posteriormente à indicação da necessidade de o analista submeter-se a uma análise pessoal durante sua formação.

O objetivo de Freud em seus "Artigos de Técnica", que estão completando 100 anos, se mantém extremamente atual, pois a técnica analítica está intimamente ligada à Ética. Os preceitos técnicos são baseados em preceitos éticos. O conhecimento da técnica analítica que dispomos hoje permite concluir que o método analítico não só não é perigoso, como talvez seja menos perigoso do que quaisquer outros métodos que desconhecem o poder da interação transferência/contratransferência.

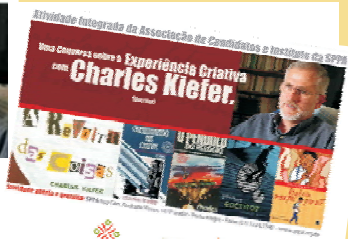
Apesar das conquistas que o método analítico propiciou a Sabina Spielrein – como retirá-la do hospital psiquiátrico e auxiliá-la a se tornar uma mulher produtiva afetiva e profissionalmente, inclusive tornando-se ela própria uma psicanalista e podendo utilizar este mesmo método com outros pacientes, como Jean Piaget, por exemplo – seu envolvimento com Jung provocou enorme sofrimento para ambos, com um custo para a integridade mental de ambos, difícil de avaliar.

O método analítico só torna-se perigoso pelo desconhecimento e pela desconsideração dos preceitos analíticos que têm como base os artigos de técnica escritos por Freud há 100 anos. Os profundos desenvolvimentos posteriores corroboraram para a consistência e a atualidade destes trabalhos, pois eles unem a técnica com a ética. Assim, com um analista bem treinado e ético, o que exige um contínuo esforço durante todo seu percurso profissional, o método dificilmente fica perigoso.

Referência

GAY, P. (1988). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

* Psicanalista, membro efetivo da SPPA



Charles Kiefer conversa sobre criatividade e processo criativo

O escritor Charles Kiefer foi o convidado da Associação de Candidatos e do Instituto da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) no mês de junho para a atividade "Uma Conversa sobre Experiência Criativa com Charles Kiefer". O encontro teve como objetivo proporcionar uma conversa sobre a criatividade e o processo criativo do ponto de vista do convidado, enriquecendo o enfoque psicanalítico a partir do intercâmbio especial, com a cultura e as artes.

Natural de Três de Maio, Charles Kiefer estreou na ficção em 1982 com *Caminhando na Chuva*, novela de temática adolescente que já vendeu mais de 100.000 exemplares. Em 1985, ganhou projeção nacional com a novela *O Pêndulo do Relógio*, agraciada com o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Em 1993, com o livro de contos *Um Outro Olhar* o escritor recebeu outro Prêmio Jabuti. E, em 1996, com *Antologia Pessoal*, o terceiro Prêmio Jabuti. Charles Kiefer tem mais de 30 livros publicados no Brasil, na França e em Portugal.

Quinta conceitual:



SPPA debate grandes conceitos da Psicanálise

Debater os grandes conceitos da psicanálise é o objetivo da Quinta Conceitual, atividade organizada pela diretoria científica da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Em 2012, a primeira edição do encontro aconteceu em maio e teve como tema a "Representação". Durante o encontro os painelistas Carlos Gari Faria, Roaldo N. Machado e Viviane S. Mondrzak (representante do Grupo de Estudos de Epistemologia Psicanalítica), fizeram uma breve apresentação dos temas e logo após foi aberto o debate, buscando o diálogo e a integração com a plateia.

Novidade: Psicanalítica em Cena!

Agosto

- 02 • Quinta Científica:
"Dando 'pensabilidade' ao impensável", com Ruggero Levy
- 09 • Encontro Preparatório: Jacques André
- 14 • Café Literário: "Demian", de Herman Hesse com Gerson Neumann e Paulo Fernando Soares
- 25 • Cine Divã Instituto NT: "Medianeras", com Rodrigo de Oliveira, Lúcia Thaler e Eliane Goldstein (coordenação)

Psicanalítica em Cena

Em sua 19ª edição, o Porto Alegre em Cena, tradicional festival de cultura organizado pela Secretaria Municipal de Cultura e coordenado por Luciano Alabarse e sua equipe, incluirá em sua programação oficial o **Psicanalítica em Cena**. Em algumas apresentações serão realizados debates pós-espetáculo, abertos ao público, com a participação de psicanalistas da SPPA e dos diretores das peças selecionadas.

Setembro

- 09 • Psicanalítica em Cena: O Filho Eterno, Teatro do Sesc, 19h
Comentarista da SPPA: Antonio Carlos J. Pires
- 11 • Café Literário: "A sensualidade na poética das mulheres", com Alice Lewkowicz e Carmem Keidann
- 11 • Psicanalítica em Cena: Molly Bloom, Teatro do Cíe, 21h
Comentarista da SPPA: Marlene S. Araújo
- 14 • Psicanalítica em Cena: Cartas de Maria Julieta a Carlos Drummond de Andrade, Teatro do Cíe, 21h
Comentarista SPPA: Luisa M. Rizzo
- 15 • Psicanalítica em Cena: Sargento Getúlio, Teatro do Sesc, 19h
Comentarista SPPA: Joel A. Nogueira
- 16 • Psicanalítica em Cena: Preferíria Não, Teatro do Sesc, 18h
Comentarista SPPA: Flavio de O. Souza

Outubro

- 04 • Quinta Científica "Limite e Simbolização", com Raul Hartke
- 09 • Café Literário, com Juarez Guedes Cruz
- 18 • Reunião semestral NIA - Norma Escosteguy e Cleonice Bosa
- 26 • "Uma Conversa sobre Experiência Criativa com Lya Luft", promovida pela Associação de Candidatos com o Instituto da SPPA

Novembro

- 13 • Café Literário, com Antônio Carlos Pires
- 22 • Quinta Conceitual

Dezembro

- 6 • Quinta Científica